

O PIXO NA REGIÃO CENTRAL DE PELOTAS: CAMINHOGRAFIA URBANA E TERRITORIALIDADES

ALINE NASCIMENTO DOS SANTOS¹; GABRIELE VARGAS DA SILVA²,
EDUARDO ROCHA³

¹UFPEl – aline008santos@gmail.com

²UFPEl – gabivargas.arquitetira@gmail.com

³UFPEl – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Essa escrita aborda a arte de rua como intervenção na cidade de Pelotas-RS, após uma caminhada pelas ruas do centro da cidade no mês de abril de 2022. As intervenções urbanas presentes nesse trabalho têm como foco o pixo - palavra de origem paulista - e as escritas urbanas como instrumento dessa pesquisa.

O pixo ou pixação é composto por tags e siglas com nomes de crews ou grupos (HYPOLITO, 2017), elas são muito utilizadas para dar uma noção de território nas cidades. Entre a série de intervenções urbanas que existem, o pixo é de longe a arte que mais traz controvérsias na opinião das pessoas, porque é visto como vandalismo, poluição visual e ato transgressor (HYPOLITO, 2017). A fim de demonstrar a relação existente entre o corpo e a cidade, surge essa inquietação de investigar através da caminhografia as intervenções que podem ser consideradas vandalismo ou liberdade de expressão.

A caminhografia surge nesse estudo com o objetivo de fazer a união entre os conceitos da filosofia da diferença; o caminhar de forma livre, sem percursos predefinidos; o jogar com a cidade a fim de criar uma narrativa urbana pormenorizada (SEBALHOS, 2021). Esse termo “caminhografia” foi criado pelo grupo de pesquisa Cidade e Contemporaneidade¹, coordenado pelo Professor Eduardo Rocha, com o objetivo de aprimorar a cartografia social no campo da arquitetura e do urbanismo.

As intervenções urbanas usam e apropriam-se da cidade, muitas vezes manifestando através da arte, descontentamento com o governo, com os poder que produzem e são produzidos pela cidade, ou pela intensa repetição produzida pela aceleração urbana. Diante das possibilidades de intermediação com a cidade, estão as escritas urbanas, que comumente rabiscam, desenham e produzem a partir de técnicas como o grafitti, o lambe-lambe, o stencil e o pixo, objeções à norma da cidade.

O termo pichação é referente ao primeiro material usado para essa ação, o piche, e por conta disso o nome foi utilizado para nomear os indivíduos que faziam esse tipo de intervenção urbana. Ao mesmo tempo em que o pixo é visto como uma expressão contraditória, ele é uma forma das pessoas se inserirem na sociedade, demonstrarem suas opiniões e se sentirem parte da cidade que muitas vezes as exclui. As escritas urbanas são frases ou TAGs, podendo ser poéticas ou políticas de fácil entendimento a qualquer pessoa alfabetizada

¹ Grupo de pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (FAU/UFPEl, este ensaio, faz parte do projeto de pesquisa "Caminhografia Urbana", financiado pela CAPES e FAPERGS. Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>.

(HYPOLITO, 2017). Essas escritas são feitas com a intenção de questionar e criticar, fazendo com que as pessoas pensem sobre como aquela frase ou palavra lhe atravessou de alguma forma.

2. METODOLOGIA

A caminhografia não apresenta hierarquias ou centralidade, para entendermos o processo de formação da caminhografia enquanto metodologia de pesquisa, é necessário recorrer primeiramente à cartografia deleuziana. A cartografia enquanto método no sentido de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), visa acompanhar um processo e não representar um objeto. Por ser uma pesquisa-intervenção (PASSOS; BARROS, 2009) é moldada caso a caso a partir do estabelecimento de algumas pistas. Se formos pesquisar o conceito de cartografia teremos uma metodologia qualitativa e singular, mas ao pensarmos na cartografia deleuziana e na caminhografia, conseguimos produzir um mapa mais qualitativo e sensível.

Segundo Sebalhos (2021), o processo da caminhografia se firma na cartografia, oriunda da psicanálise e da filosofia em conjunto com os conceitos da cartografia social para ser aplicada como método para o caminhar, o jogar e o registrar, com foco principal no último. Apesar de termos um objetivo pré-estabelecido inicialmente, a caminhografia, nos possibilita a flexibilização no decorrer da pesquisa, já que o pesquisador nunca sabe o que pode encontrar durante sua caminhada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As intervenções urbanas têm o poder de fazer com que a cidade gere novos territórios, redemocratizando os espaços e tornando-os lugares mais abertos à diferença. Segundo Hypolito (2017), o pixo profana os planos da cidade espetáculo, afirmando os desejos de uma parte da população e as diferenças entre as classes. O pixo é uma das invenções que mais aparecem nos muros do centro da cidade, muitas vezes é usado como uma forma de reconquista, de demonstrar pertencimento àquele lugar.

O pixo e a territorialidade

O pixo e o território muitas vezes são encontrados por meio de tags ou siglas com nomes de crews ou grupos e possuem uma grafia estilizada. Essa escrita é uma linguagem própria, entendida somente entre os pixadores. O pixo é uma das intervenções urbanas que mais causam controvérsias na sociedade, pois são vistas como um ato de vandalismo. Essas manifestações normalmente são feitas com a utilização de spray e a noite, para que ninguém possa ver e que possam ser feitas em um movimento rápido.



Figura 1, 2 e 3: Fotografias tiradas da região central de Pelotas. Fonte: da autora, 2022.

O pixo e o afecto

O pixo e o afecto surgem como frases poéticas ou políticas são objetos de ação diferentes do território e com uma linguagem mais acessível a quem é alfabetizado. Essas frases podem conter mensagens políticas contra ou a favor do governo ou então são frases poéticas que possuem declarações românticas. Os pichadores são pessoas comuns que veem na cidade uma oportunidade de expressarem seus sentimentos e utilizam dela como uma forma de ação imediata.



Figura 4, 5 e 6: Fotografias tiradas da região central de Pelotas. Fonte: da autora, 2022.

4. CONCLUSÕES

Nesse primeiro movimento do ensaio de pesquisa, buscamos olhar e entender o que é o pixo os sentidos que essas intervenções urbanas provocam na cidade da contemporaneidade, em especial na região central da cidade de Pelotas. As intervenções fazem uma mescla entre formal e o informal, ao se proporem como uma arte efêmera que tem o objetivo de trazer esse desconforto acompanhado da reflexão.

Essas manifestações nos trazem reflexões sobre quem são as pessoas que vivem naquela cidade, quem são essas vozes que não gritam, mas escrevem e nos atravessam de uma maneira que marca. Os pixadores usam da arquitetura central das cidades para querer lembrar a toda a população a realidade que vivemos.

Por fim, ressaltamos, que ao mesmo tempo que é necessário termos sonhos e ainda acreditarmos em um mundo mais igualitário, também se faz necessário lembrarmos que ainda existe miséria, racismo e corrupção.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, R. D. B.; PASSOS, E. A. Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 1a ed. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 17-31.

DUARTE, L. S. O conceito de fronteira em Deleuze e Sarduy. **Textos de História**, v.13, n.1/2, 2005, Góias, GO.

HYPOLITO, B. Escritas urbanas, corpo e cidade contemporânea: pelo enriquecimento da experiência urbana. **Thesis**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 217-240, jan./out., 2017.

KASTRUP, V. PASSOS, E. ESCÓSSIA, L. (orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

ROCHA, E. **Arquitetura do abandono (ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte)**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

SEBALHOS, C. **Heterotopias na Cidade: Caminhografia do evento “Sofá na Rua” em Pelotas**. Pelotas: UFPel, 2021.